

PALAVRAS DO BRASIL. VOCABULÁRIO E EXPERIÊNCIA HISTÓRICA NO IMPÉRIO DO BRASIL.

Aluna: Maria Luiza Ghizi Assad.
Orientador: Ilmar Rohloff de Mattos.

I. RELATÓRIO TÉCNICO: Período Agosto de 2007 – Julho de 2008.

As atividades da pesquisa consistiram em reuniões semanais, assistir a seminários, dentre eles o Seminário Especial de História dos Conceitos, e defesa de tese, os quais basearam a leitura e discussão dos textos:

A - De teoria, relativos à História dos Conceitos:

JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João (org). *História dos Conceitos: Debates e Perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC; Edições Loyola; IUPERJ, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. *História dos Conceitos: problemas teóricos e práticos*.

B - Leituras ainda teóricas, que versariam mais a respeito de Nação no caso brasileiro, inclusive -- abordando mesmo questões como a natureza americana e os românticos brasileiros; ou ainda referência direta ao papel do literato e a questão da Literatura:

RICUPERO, Bernardo. “Introdução”, In: *O Romantismo e a Idéia de Nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROUANET, Maria Helena. “Nacionalismo”, In: *Introdução ao Romantismo*. José Luís Jobim (org). Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.

SÜSSEKIND, Flora. “O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro”, In: *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. Volume 2: Emancipação do Discurso. Ana Pizarro (org). São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994.

- Ou ainda, do próprio significado de Nação, suas origens, como trabalhado a partir de Benedict Anderson e Ernst Renan:

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexão sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RENAN, Ernst. O que é uma nação. Cadernos de Pós/Letras, UERJ. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

C – Com a especificação própria da pesquisa, temos a leitura de fontes primárias, que

girariam em torno de José de Alencar, Ferdinand Denis e Gonçalves de Magalhães:

ALENCAR, José de. “Benção Paterna”, In: *Ficções Completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.

DENIS, Ferdinand. “Resumo da História Literária do Brasil”, In: *Historiadores e Críticos do Romantismo*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. “Discurso sobre a História da Literatura do Brasil”, In: *Caminhos do Pensamento Político*. Afrânio Coutinho (org). Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1974.

[Seguindo o tema, a presença na defesa de tese de Daniel Pinha Silva, em 03/09/07: “Como e por que sou moderno: o lugar do passado no pensamento crítico de José de Alencar”]

D - Leituras a respeito do estabelecimento de uma História do Brasil, a partir da Dissertação de Martius na Revista do IHGB, em 1844, sobre '*Como se Deve Escrever a História do Brasil*'. Ou ainda o texto de Manoel Salgado que fora utilizado na disciplina *História do Brasil VI*:

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. “Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional”, In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, 1988. P.5-27.

II. RELATÓRIO SUBSTANTIVO:

Introdução:

Partindo do que seria o plano mais teórico, a partir de Koselleck e demais leituras relacionadas à História dos Conceitos, a discussão de como naturalizamos os mesmos; isto é, como os tornamos 'naturais', ainda que sejam construções. Koselleck nos aponta que o conceito (a linguagem de uma forma geral) é *fator e indicador*; ou seja, ele não só expressa uma realidade, a representa, como também a constitui de certa forma. Assim temos um vislumbre do que significa dizermos que nosso entendimento de uma dada realidade, como ela é apresentada, é de certa forma essa construção, e não algo 'natural' ou essencial como se poderia pensar.

Isto nos leva, no caminho da pesquisa, a um dos conceitos-chave para chegarmos ao de 'brasileiro': Nação. Partimos aqui da distinção entre a apresentação de Ernst Renan, filósofo francês pertencente ao séc. XIX, de que a Nação teria algo de essencial [o desejo de viver juntos já partiria de uma essência, que poderia ser indicada por terem aqueles indivíduos muito em comum e também por esquecerem muito em comum, na concepção desse pensador], um 'princípio espiritual', e a apresentação de Benedict Anderson, antropólogo já do século XX, que pensa Nação como uma comunidade imaginada, posto que seus integrantes imaginariam a presença, a existência, uns dos outros; como também

pela própria idéia que temos de que trata-se de uma construção. Tal seria feito, nos indica Anderson, a partir de uma nova concepção de tempo que surgia então, mais articulada a um tipo de narrativa como a do romance e do jornal. A noção de um tempo linear não só entendida por sucessão e duração, mas sobretudo por simultaneidade – a qual traria um maior sentimento de vinculação, que também esbarrava na questão da língua entendida e do que Anderson chamaria de 'capitalismo editorial'.

Vemos também como o antropólogo transfere esse 'imaginar' a comunidade, no caso das colônias no continente americano, também pela ligação através de viagens, 'peregrinações'. Esta é uma forma muito resumida de apresentar o pensamento do autor e a discussão de sua leitura, mas a mesma será concluída aqui ao mostrarmos o aspecto limitado e soberano que também seriam atributos dessas comunidades imaginadas, as 'Nações'. A Nação pode ser dita uma comunidade limitada não só pelas 'lembranças comuns' e o que há de comum, mas porque ela precisa se posicionar perante um outro; precisa dizer a quem ela inclui para se ter uma identidade nacional – e, assim, a quem ela exclui. No próprio delineamento de como ela se entende ou quer ser vista, estabelece seus limites. E isso também implica uma identificação com uma delimitação territorial. Soberana porque não poderia outra Nação intervir em sua esfera de identificação, domínio.

Em nossas leituras e discussões, vimos que poderíamos entender algo do Brasil sob essa ótica, porém com suas singularidades. A Nação seria uma comunidade imaginada também a partir do próprio nacionalismo [por ele alimentada] – e podemos ligar esses dois conceitos à 'fase do Romantismo' de uma forma geral. A valorização do original, do singular, do que distingue, face às idéias mais abstratas e gerais do Iluminismo como sociedade e humanidade. Na valorização do singular, podemos entender algo dos nacionalismos e das Nações. No caso do Brasil, também fora necessário 'inventar' a sua Nação e inventar o 'brasileiro'. Tal processo se desenvolveria sobretudo a partir de três noções: a de uma língua nacional, literatura própria e uma História do Brasil. A abordagem privilegiada nesse projeto é a da Literatura, mas vemos com frequência a dificuldade de se tentar estabelecer limites rígidos entre as três, principalmente para a questão de uma literatura própria e de uma língua nacional e entre Literatura e História aqui [Gonçalves de Magalhães, em seu *Discurso*, dá a entender a literatura como vasto campo de saberes científicos, documentação etc, além daquilo pelo que a entendemos normalmente].

Há então a tentativa de formulação de uma identidade nacional a partir da língua, o que poderia se mostrar complicado, por ser a língua do Brasil tida como a mesma da metrópole, que constituía ela própria o 'outro' do qual esse Brasil de início-meados do XIX queria se desvincular. Ao mesmo tempo, vemos a idéia de um 'abrasileiramento idiomático' incentivado por José de Alencar; ou ainda, a própria visão de que se não se pode falar diferente, deve-se abordar temas distintos na literatura (Ferdinand Denis). A Literatura seria, afinal, o próprio exercício da língua.

A noção de um Literatura 'brasileira' parece ser fundamental, portanto, para a construção daquela identidade nacional – ainda que para aqueles românticos, generalizando bastante, fosse para expressar uma identidade nacional existente. Também o seria a História e o próprio reflexo da mesma no projeto político centralizador, através do IHGB e de uma História do Brasil, privilegiando a totalidade (e a construção dessa totalidade) ao invés da valorização exacerbada de histórias de cunho mais regional.

É especialmente nesse período de meados do séc. XIX, independência e Brasil-Império, que estaria se inventando o Brasil, país que ao mesmo tempo que se imaginava

enquanto Nação se constituía enquanto Império, que por definição se entende por dimensões ilimitadas. Trabalhamos na pesquisa, a esfera de tentativa de diferenciação desse 'Império' e 'Nação' do seu 'outro' externo, Portugal, através, portanto, de um desejo de estabelecer uma Literatura brasileira; mas nesse processo, acabaria por delimitar o seu 'outro' interno: as nações indígenas e de negros africanos.

Num estudo mais específico com a literatura e o conceito de 'brasileiro', utilizou-se o 'Discurso sobre a História da Literatura do Brasil' de Gonçalves de Magalhães. Nele tentamos separar aquelas concepções de 'literatura nacional' e 'brasileiro'; tendo, até o momento, as seguintes conclusões:

- Brasileiro: De uma forma geral, a concepção de Gonçalves de Magalhães parece ser a de que 'Brasileiro' é aquele que habita o Brasil ou nele nasceu; estaria, no entanto, esse 'Brasileiro' oculto quando se fala nos 'três séculos de colonização'; oculto, oprimido pela escravidão política exercida por Portugal e deveria ser revelado, trazido à luz, resgatado nesse passado. Também começava esse 'Brasileiro' existente desde então a se revelar cada vez mais desde a independência [que já fazia parte do segundo período naquela sua abordagem de história do Brasil, o qual começava em 1808, com a chegada da Corte e se estendia até seu presente]. Assim também deveria ocorrer com sua literatura.
- Literatura: como Literatura do Brasil antes de uma Literatura brasileira; esta, na visão de Gonçalves de Magalhães, teria meios de se desenvolver, mas ainda não havia se constituído uma literatura realmente nacional, a despeito da existência de uma natureza toda própria e exuberante e de haver inspiração o suficiente, também através das produções indígenas, para uma literatura mais original. Esse autor alegava ser a literatura expressão própria de cada povo; porém, em alguns casos, a literatura era 'enxertada' – e assim o era com muitas nações civilizadas européias e o que parecia ser mais evidente ainda no caso do Brasil.

O autor, figura chave da primeira geração romântica, cuja *Niterói, Revista Brasiliense* fora publicada primeiro na França, ainda fazia exortações ao longo de seu *Discurso* à idéia de que a Nação deveria marchar rumo à civilização. Embora romântico e pensemos Romantismo como reação ao Iluminismo, isso não exclui alguns elementos do pensamento do último de seu texto. A menção à Luz, progresso, está presente. Mas também estaria a preocupação com o desenvolvimento dessa identidade própria, nacional; e esta deveria seguir rumo à civilização, na marcha do tempo.

Parece haver também uma associação entre Nação e a figura do gênio (outra marca do séc. XIX) em seu *Discurso*. Significaria ser um reflexo do gênio de um tempo, reflexo de seus grandes homens. Conceitos como gênio, originalidade e civilização rodeiam o de Nação e são marcas do Romantismo. É preciso se inventar o gênio, a sua glória, a memória para que se tenha o nacionalismo – e para que esse alimente a idéia de Nação.

Conclusão:

São necessários símbolos para esse nacionalismo e Nação; e aqui se incluíam o papel da natureza americana, o de uma língua com nuances próprias, como no estudo de José de Alencar ou de Ferdinand Denis. Trabalhamos, por fim, com a idéia de que os românticos que falam de tais singularidades de cada Nação não o fazem porque seria algo 'natural' ou 'essencial'. Idéia de que há uma razão para sua procura. A Nação é uma comunidade delimitada não só territorialmente, mas em sua ideologia. O recorte de

identidade é imaginado; e também exclusivista.